

O ÉDITO DE CARACALA

OU DEFESA DOS
ESTADOS UNIDOS
DO OCIDENTE

por
†Xavier de C***

Traduzido do inglês (americano)
e seguido de um epitáfio por

Régis Debray

TRADUÇÃO DE
GONÇALO ANNES

LISBOA
GUIMARÃES EDITORES

L'Édit de Caracalla, de Régis Debray
World Copyright: © Librairie Arthème Fayard, 2002
© Guimarães Editores Lda, 2004
Direitos reservados para a presente tradução.
Editor: Francisco Cunha Leão

Rua da Misericórdia 68
1200-273 LISBOA

Telef. 21 324 31 20 – Fax. 21 324 31 29
email: guimaraes.ed@mail.telepac.pt
web: www.guimaraes-ed.pt

ADVERTÊNCIA

Um aristocrata, antes de partir para uma guerra de que já não voltará, escreve da outra margem — da América — a um dos seus velhos amigos de adolescência, um parisiense apaziguado que observa as coisas de longe. Estamos em fins de 2001. O homem em questão é um francês que adoptou a nacionalidade americana. Um alto funcionário de 58 anos, conhecedor das letras latinas, que «viveu muito» e escolheu a língua de toda a gente para explicar o seu alistamento. Há cartas que nos arrependemos de ter aberto porque o que lá está dentro nos magoa — violentamente — mas que depois nos levam a pensar se o sofrimento que nos infligiram não será daqueles que nos fazem bem. Peço ao leitor que leia esta carta até ao fim, sem desanimar.

R.D.

Washington D.C., 10 de Outubro de 2001

Meu velho Debray,

O passo está dado. Deves calcular qual é, visto que desta vez já não te estou a escrever no dialecto que nos é comum. Não quero que julgues que se trata de um acesso de despeito para com a minha pequena pátria tão diminuída, muito menos de uma paixoneta de costureirinha ou de uma atitude de mata-mouros. Tinha dois ou três conhecidos entre as vítimas do World Trade Center mas, curiosamente, nenhuma das minhas relações do Pentágono foi atingida e Deus sabe quantas vezes me passeei por aqueles corredores nestes últimos anos. Mas deixemos o coração e a cólera. Conheces-me suficientemente, meu caro Régis: não sou nem de longe um exaltado. Há muito tempo que desejava esta naturalização. E sem passar pelo clássico casamento branco. Fazia empenho num rito de passagem à séria, sem cunhas, como qualquer imigrante consciencioso. Hás de gostar de saber que passei com êxito os exames de língua e de história, sem dizer nada aos antigos colegas da

embaixada. Consegui. Acabou-se a carta verde: tenho um passaporte.

Havias de me ver a prestar juramento, esta manhã, nos Serviços de Imigração, nesta triste manhã de Setembro, em que as pessoas erravam, ainda da cor da cinza, envoltas num cheiro de borracha queimada, de fios chamuscados! Diante do estandarte estrelado, de mão no peito! Já não estava muita gente nos escritórios, mas os empregados tinham os olhos húmidos, orgulhosos de si próprios e de nós. Felicitaram-nos mesmo «por este acto de coragem num momento tão duro». Éramos três, parecia uma festa de família: um italiano, um holandês e um gaulês, este teu criado. Nenhum asiático, nenhum latino. Todos europeus. O acaso sabe o que faz.

É de bom augúrio, não achas? Tenho a impressão, ao transferir a minha lealdade, de preencher a *agenda dei*. De coroar e não de renegar uma herança milenar, antecipando-me ao seu único futuro possível. Antes de me cobrires de todos os chavões — colaboracionista, derrotista, mercenário, etc. — gostava que ouvisses as minhas razões. És o primeiro francês de França a quem dou cavaco. Estranha ideia esta de fazer confidências a um «anti-americano» de velhos rancores (ponho as aspas porque acho que mereces melhor do que a tua má reputação). Tomar para testemunha o mais antigo dos meus amigos que não estão do meu lado obriga-me a mim próprio a ir ao fundo das coisas, calmamente (e ao escolher-te como alvo das minhas cogitações talvez seja àquele

que eu fui outrora que me estou a dirigir). Sabes desde a Escola que nunca desesperei de te convencer. Não és anti-semita nem racista, porquê continuares anti-americano? É um vírus da mesma estirpe, a infecção bolchevique. O que a esquerda francesa tomou de ponta, não foi o capitalismo, foi a democracia, com a liberdade criadora do dinheiro, a liberdade de consciência e de voto. O socialismo do ressentimento! Já era tempo de te libertares disso. Nunca é fácil ser-se contemporâneo da nossa época mas desde o 11 de Setembro há um certo número de clichés que envelheceram de repente, não achas?

«Nós, as civilizações...» É verdade, sabíamos, citávamos e recitávamos até mais não poder «que somos mortais». Faltava *vê-lo* com os nossos próprios olhos. A passagem em *pescadinha* daquelas imagens ter-te-á lembrado como era precária a nossa Cidade eterna e que aquilo a que já não nos atrevíamos a chamar Mundo Livre não era mais invulnerável do que uma torre de Babel em contraluz. Ben Laden pôs a frase de Valéry ao alcance dos iletrados. «Tinham as palavras, aqui está a imagem.» Flagelo do céu ou mão de Deus?

A marretada que pulverizou as *Twin Towers*, as nossas duas colunas de Hércules (as mesmas que barram simbolicamente o dólar), assim possa ela ressoar aí como um dobre a finados. Talvez não, esperemos, da supremacia, mas de uma certa indolência cega, um triunfalismo mole que impedia o Ocidente de tomar consciência de si próprio como um ilhéu precário, cercado por ódios ulu-

lantes. Eis-nos todos encostados à parede, confrontados com as nossas contradições secretas. De tanto dissertar sobre a guerra das culturas chega-se a esquecer o choque da nossa consigo própria. As nossas cobardias, as nossas rotinas, as nossas canções de embalar. A euforia de uma liderança um tanto distraída, a quem tudo era devido, não sobreviverá a este sino que toca a rebater também para vocês, europeus. Berlusconi cometeu o erro de dizer em voz alta o que todos pensamos, só *in petto*, por respeito pelas conveniências diplomáticas. Sim, a nossa civilização é superior à do Islão. Em termos de amenidade, de respeito pelos direitos do homem e ainda mais da mulher, de liberdade de pesquisa intelectual e de progresso científico, quem pode dizer o contrário, mesmo que haja verdades que não se dizem? Sejam menos fanfarrões que o *Cavaliere*, mas sobretudo mais operacionais. Começemos por salvar a mobília e fazer de maneira que ela, a nossa civilização, aqui continue, daqui por cem anos, ao lado das outras (pois acabou o tempo em que a palavra só se usava no singular). No fim de contas, nós, Ocidentais, representamos apenas 15% da população mundial. E com a globalização tornámo-nos tão visíveis para os outros 85% como uma montra «Hermés» no meio da Plaine-Saint-Denis. Há um facínora que rebenta a montra com um carro, o alarme põe-se a tocar, vem a esquadra do bairro? Não chega. Não. Daqui a trinta anos haverá dois biliões de homens envolvidos nos circuitos muçulmanos. Um homem em cada

quatro será um «terrorista» em potência. O que é que se faz, então? Ou se muda ou se morre. Quem? Tu e eu. Todos os caretas judaico-cristãos que ainda têm o privilégio de obedecer a Moisés só se lhes apetecer e de correr com os governos que têm se e quando lhes der na gana. No século XX a Europa estava dividida contra si própria e, no fim, depois de duas guerras intestinas, teve de passar a mão. Vamos ver o mesmo suicídio repetir-se, cem anos depois, em maior escala? O Ocidente vítima das suas vistas curtas, cada um a puxar para o seu lado, e em última análise obrigado, após duas ou três vitórias de fachada*, a curvar-se perante a lei do número? Não temos o direito de o consentir, se queremos merecer o nome de homens.

A prova faz-se pelo medo. *Challenge and response*. Mais uma vez. Foi quando a Europa dos velhos Estados-Nações roçou o abismo, depois de Verdun, que a estupidéz das rivalidades nacionais se tornou evidente aos olhos de alguns profetas desarmados: Briand, Jouvenel, Coudenhove-Kalergi, Riou... A ideia da União pan-europeia saiu da primeira carnificina mundial e tomou forma depois da segunda, antes de se atolar em regateios de mercearia. Possam as rivalidades euro-americanas passar também de moda depois deste electrochoque. A guerra contra o bárbaro faz soar a hora de subir a fassquia geopolítica à marca seguinte, a única viável dora-

* Em francês: *de Gribouille*, trocar um mal por outro, Littré. (N.E.)

vante: a União pan-ocidental. Será que o sopro do canhão me faz delirar? Já estive debaixo de fogo algumas vezes, com os «contras» e os mujaidin, e não é um míssil humano, por muito desumano que seja, que me faz perder o bom senso. Tentemos apenas elevar-nos à altura do que está em jogo. Aqueles que não se resignarem a ver os acontecimentos chover como a neve nos seus pequenos écrãs devem calçar as suas botas de sete léguas para franquear o abismo que separa o seu Landernau * do planeta — e a sua agenda da História. Chirac, Schröder, Aznar, Berlusconi e todos os regionais desta etapa teriam vantagem em alçar a mira de tiro acima das próximas eleições e da retoma cantonal. Acabou-se a brincadeira: o Atlantismo em traje regional morreu ao mesmo tempo que a «Fortaleza América». Virou-se a página. E agora?

«Desde que Roma destruiu Cartago — li recentemente num dos meus novos compatriotas — nenhuma outra potência alcançou os cumes que nós atingimos.» Esse presunçoso dizia a verdade, mas a meias. Diz o fruto, sem o bicho. A felicidade de uns sem o ressentimento dos outros. O Capitólio sem a Tarpeia. Certa ainda de que o mundo lhe pertencia, a América não sabia, antes do 11 de Setembro, que pertence ao Mundo. Como se a História, displicentemente, servisse segunda vez os pratos! «O século XVIII foi francês, o XIX inglês

* Refere a expressão francesa «*bruit dans Landernau*», uma localidade francesa que adquiriu o estatuto de dar a máxima importância a coisas insignificantes. (N. E.)

e o XX americano. O próximo será outra vez americano», acrescentava esse ingénuo. *Bis repetita placent?* Que miopia! O novo século será, talvez, ocidental, com um bocadinho de sorte, mas na condição de o querermos e só se fizermos por isso. Por uma conversão intelectual, moral e institucional. Por uma mudança à escala do desafio, em ruptura com todo o antiquado inter-governamentalismo que continua a reger as relações transatlânticas entre as duas margens do nosso *mare nostrum*, relações atoladas na falsa segurança dos «precedentes».

Uma civilização é antes de mais um centro e umas fronteiras. Pelo menos na realidade dos séculos. Só para excitar as cabeças, qualquer retórico pode contentar-se com odres vazios. O Ocidente dos nossos editoriais é pomposo como o vento. O nosso caro Huntington é um jornalista com pretensões, mas abusa um bocado demais da sua vantagem: a ignorância histórica. O «choque das civilizações», ideia fácil a que antigamente se chamava «guerra de religião», não brilha especialmente pela novidade (em Braudel, que inventou a expressão, tinha pelo menos uma outra envergadura). Este colega de ideias simples faz mais ou menos começar o Mundo no ano mil depois de Cristo. Conseguiu transformar (é privilégio do rótulo US inundar o Universo!) em tema de dissertação planetária um truismo de criança de sete anos: *um mundo dividido em civilizações* (é o título que deu à primeira parte do seu panorama). Grande descoberta, não haja dúvida! Esqueceu-se de um pormenor: que o mundo

também está dividido em Estados, cento e oitenta e nove segundo a última contagem da ONU. O centésimo octogésimo oitavo é Palau, no Pacífico, com setenta e dois mil habitantes (e copra) — e a pretensa Autoridade palestina é o centésimo octogésimo nono. Para um homem de acção, o problema consiste justamente em fazer coincidir culturas e estruturas; sem isso não se faz senão barulhos com a boca. Expressar opiniões untuosas e idiotas sobre *O poder do Ocidente, domínio e decadência* é uma coisa ao alcance de qualquer depressivo; a questão é traduzir na prática essa noção nebulosa e sem contornos de Ocidente, verbosidade sublime, banalidade transcendente de que as nossas grandes consciências parecem esquecer quanto custou, no passado, dar-lhe nem que fosse um pouco de consistência. Todas as civilizações, neste aspecto, são iguais. Alguém julga que haveria hoje um Islão se não tivesse havido, trinta anos depois da morte do Profeta, um *imperium* omeiada, depois abássida? Se Damasco e Bagdade não tivessem sido capitais políticas ao mesmo tempo que religiosas? E que se saberia de Ibn Arabi, o sufi, se Salim I o conquistador não lhe tivesse consagrado uma mesquita — e um mausoléu? Haveria ainda cristianismo se não tivesse havido a Cristandade — carolíngia ou bizantina — para travar as cavalgadas árabes? Haveria ainda uma Santa Montanha, um Monte Athos, sem as muralhas de Constantinopla? Cistercienses sem a cavalaria franca, jesuítas sem Carlos V? Quando é que se viu umas sílabas no ar rodar as chaves de abrir

fogo ou assinar ordens de requisição? Os directores da opinião contentam-se com bem pouco. A despreocupação com que fazem coincidir palavras e coisas, as suas tiradas e os seus actos, é para mim constante motivo de admiração. Quer-se o creme sem a massa. Isto lisonjeia o princípio do prazer. Daí o êxito que tem junto dos Rotários. «Civilização» é sublime, «organização» trivial; os nossos barulhentos preferem o desfocado.

Mais valem as *mãos sujas* que mãos nenhuma, não é? O desígnio que alguns de nós aqui preparamos em silêncio é mais exigente: voa a rasar o chão. É uma vitória sobre nós próprios, menos fácil de vender do que uma nova moeda. Uma campanha de imprensa e têvê não chega. Pode chamar-se-lhe «revolução» para apimentar o propósito, mas no sentido mais elementar do termo, que designa apenas um regresso do factício ao real. O que é que é factício hoje em dia? Os micro Estados na era macroscópica. As diplomacias, os serviços de informação, os satélites de vigilância que se sobrepõem sem razão. A Europa a quinze, a dezanove, a vinte e cinco! A América do Norte a três, a do Sul a trinta! O mapamundo do século XIX transportado para o XXI! Precisaremos do Mónaco, do Liechtenstein e doutros principados quando é o humano que está em causa? E o que é que é real, em contrapartida? A comunidade de destino das fragilizadas sociedades liberais. Peçamos aos especialistas de direito internacional que transformem este espaço que é um só no seu significado num único espaço de soberania. À reno-

vação islâmica, respondamos sem equívocos com uma renovação democrática. Construamos os «Estados Unidos do Ocidente» usando como molde os da América. Saibamos ao menos aproveitar os nossos trunfos. Sendo a nossa fecundidade o que é, não vale a pena apostar no relógio. A maré sobe, inexoravelmente. Adiantemo-nos. A força do Islão reside no seu vigor moral, num fervor partilhado; a sua fraqueza, na divisão em estados, na inexistência, desde que Ataturk aboliu o Califado, em 1922, de uma capital reconhecida por todos. Nós, é ao contrário. Não temos o moral, mas temos meios e temos um centro. Façamos das nossas fraquezas forças. Oponhamos a esse mundo de um fanatismo tentador mas impalpável, difuso, acéfalo, um Estado centralizado, com uma cabeça, que compensará a moleza das nossas convicções assombrando o adversário pela audácia e pela rapidez das decisões. A América é mais crente do que a Europa. Dado que a fé é mais contagiante do que a dúvida, a nossa soprará de Oeste para Leste na União alargada, como os contra-alíseos nas alturas da atmosfera (o fervor vai tomar conta de vocês antes de que o para-que-é-que-serve europeu nos contamine). A maior empresa da História? O projecto não tem nada de exorbitante. A novo desafio, novas respostas. Os nossos meios de comunicação e de transporte permitem-no-lo. As nossas tecnologias (como não deixas de repetir) vão à frente das nossas Constituições; corrijamos esse atraso.

O Islão é uma comunidade religiosa sem coesão política. Oponhamos-lhe o sistema inverso, já que entre nós a Cristandade deixou de ligar os corações. E ponhamos fim ao desfasamento entre o continente americano e o pequeno promontório da Ásia. Este já não está à escala. Não vou ensinar ao mediólogo que o globo terráqueo tem a face e a superfície dos seus vectores. Os satélites e as videoconferências todos os dias nos aliviam da antiga geografia. A Terra encolheu dez vezes num século. De *Concorde*, demora-se menos tempo para ir de Nova Iorque a Paris que de *Boeing* da Costa Leste para a Costa Oeste. A diferença é a mesma com o fuso horário de Anchorage e o de Hamburgo. A França e a Califórnia são equidistantes do Hudson River. A falta de continuidade territorial deixou de ser um argumento. Ou então a Martinica e a Guadalupe já não seriam os vossos departamentos do Ultramar nem o Alaska e o Hawai se contariam entre os Estados da União. O Império Romano do século II estendia-se de Baku, no mar Cáspio, a guarnição mais oriental, até ao muro da Escócia: 5000 quilómetros a pé de Leste a Oeste. Era preciso um mês, pelo menos, para despachar um legionário de Itália para as linhas avançadas. Será que na era da conquista do espaço não se pode ter vistas tão largas como essas? O Atlântico liga-nos como o Mediterrâneo ligava os nossos antepassados. Esse oceano atravessa o nosso Ocidente como o Sena Paris, onde não há duas Câmaras Municipais. Os eleitores da capital votam ao mesmo tempo e nos mesmos

candidatos na margem direita e na esquerda. Os nossos governos nacionais poderão no futuro conservar a administração de proximidade como escalão de recurso e de mediação. Mas para quê continuar a ter dois Presidentes da Câmara para uma Cidade-Mundo? Duas cabeças eleitas para um mesmo *continuum* geoestratégico? O voto pela *Internet* será mais rápido e transparente, mais fácil de contar, na nossa inter-nação de amanhã, do que os boletins de papel nas urnas de madeira da Flórida...

E o nosso *limes* futuro, vamos colocá-lo aonde? Respondendo-te: até onde tenha chegado o calafrio na espinha que atravessou os nossos bairros e varreu as fronteiras, depois dessa punhalada que foi como um *tsunami* prenunciador. As emoções do telespectador médio dizem mais sobre o futuro do que as elucubrações dos futurólogos. A área da nossa civilização, já que é preciso circunscrevê-la com precisão se a queremos definir e defender, digamos que agrupa o conjunto de cidades e campos, de cabanas e palácios onde o inimigo da América foi instintivamente sentido, entre a carne e o coiro, como um inimigo íntimo. Pega num lápis e verás que essa reacção epidérmica pinta um desenho que é um bilhete de identidade e uma carta geográfica. Inclui Israel mas não a Palestina. O México, sem contar com Chiapas. A costa Norte do Mediterrâneo, mas não o Magreb. Talvez a Rússia, mas não de certeza a China. Talvez a Turquia (conheces o meu fraquinho por Kemal), mas não certamente o Médio-Oriente nem a Ásia central. Tampouco

a África negra, escusado será dizê-lo. Uma Confederação em melhor: a nossa circunscrição ocidental a defender. Amigo é uma palavra muitas vezes vazia de sentido; inimigo, nunca.



E vocês, franceses, que vão vocês fazer amanhã? Umas voltinhas nas águas do mar de Oman, com três barcaças? Uns centros de enfermagem na fronteira afegã? O nosso serviço de pós-venda? A leitura da imprensa parisiense nestes últimos dias acabou de me convencer de que o abuso do gesto e da frase continua a ser o vosso vício preferido. «Não temamos!», «A união das democracias deve ser sem falhas». «Preparemo-nos, ao lado dos nossos amigos americanos, para sofrer e participar num conflito longo e sangrento». De *L'Huma(nité)* ao *Figaro*, este impulso de unanimidade consola, mas se o mundo civilizado não passa de uma Internacional dos bons sentimentos não dou muito por ele. Menos poesia, se faz favor, e mais lógica! Não contesto a convicção nem a sinceridade dos vossos ministros e editorialistas, mas o vosso «nós somos todos americanos» cheira mais a emoção de um dia do que a uma posição bem pensada. O «eu sou berlinês!» de Kennedy, em 1962, não exprimia uma baforada de humanismo mas sim uma estratégia de